

A LEITURA DE MUNDO POR MEIO DA ARTE E GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Iara Cíntia da Silva¹

Ozianne Pinheiro de Sousa²

RESUMO

Este estudo tem em vista analisar a leitura de mundo por meio da arte e geografia como promotora de uma concretização do ensino, sabendo que esta ação pode ser vivenciada pelo aluno ainda nos anos iniciais. Sendo assim, objetiva compreender como a arte e geografia podem proporcionar ao aluno uma leitura de mundo com vistas tanto à sua inclusão no processo como também a fornecer-lhe condições para que a sua cidadania seja paulatinamente elaborada. Assim, a existência deste trabalho se dá na procura de entender como os componentes curriculares supracitados podem garantir uma real significação no processo de ensino e aprendizagem levando em consideração o ambiente onde vive o educando. Para isso, buscou-se observar por meio pesquisas bibliográficas, teorias de autores como Freire (1989), Vigotski (1999) e Gadotti (2007) entre outros que dedicaram seu tempo para tamanha finalidade. Com isso, proporcionar uma organização de ideias para professores e demais profissionais da educação, no sentido de repensar a prática de ensino de forma que o aluno se sinta inserido no ensinamento apresentado, como também direcioná-lo à criticidade diante das experiências cotidianas, cuidando que o trabalho docente é uma dinâmica complexa, porém, traduz-se numa maestria capaz de sensibilizar e transformar realidades de alunos em seus existenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de mundo; arte; geografia; anos iniciais.

INTRODUÇÃO

A leitura de mundo é um dos meios essenciais para que qualquer cidadão contemple o universo que o cerca sobretudo em um ambiente recheado de heterogeneidades. Para Paulo Freire (1989), ler uma palavra principiada pela leitura de mundo torna o sujeito ativo nele e para ele. Aliados a este processo, tem-se inúmeras possibilidades a exemplo, o componente curricular de arte e geografia para auxiliar o aluno a fazer relações capazes de capturar a realidade vivenciada na prática por uma lente de reflexões.

Desse modo, o presente estudo ocupando-se da temática a leitura de mundo por meio da arte e geografia nos anos iniciais, propõe uma reflexão na busca de

1-Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Uemasul - jarasilva.20200001275@uemasul.edu.br

2-Orientadora especialista em Pedagogia – ozianne.souza@uemasul.edu.br

entender como os componentes curriculares referidos podem contribuir de modo a gerar significação para o aluno no espaço onde vive.

Aprender sobre o meio onde vive logo cedo é extremamente relevante para qualquer ser humano. Para tal aprendizagem a leitura de mundo é um dos meios essenciais para que esta percepção seja obtida. No entanto, para que tal possibilidade exista é pertinente que o docente use da realidade do aluno na busca de um entreolhar. Diante disso, Callai (2010), diz-nos que a geografia estudada pelo aluno precisa conceder a ele a percepção de que o mesmo é parte neste estudo.

A temática surgiu mediante aulas discutidas, leituras e pesquisas que me provocaram interesse, em como o componente curricular de artes bem como geografia podem proporcionar ao educando o sentimento de pertencer ao espaço construído socialmente ao mesmo tempo com liberdade para criar e recriar por meio da imaginação. As reflexões conduziram-me a um questionamento que norteia a pesquisa: afinal, é possível uma leitura de mundo com a interdisciplinaridade de artes e geografia?

Dentro desse contexto a pesquisa tem por objetivo compreender como a arte e a geografia podem gerar uma leitura de mundo ao aluno, levando em consideração que aquele pode se transportar do intangível à concretude.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através do estudo de obras de autores como Freire (1989), Vigotski (1999) e Gadotti (2007) entre outros que produziram apreciações do tema proposto.

O trabalho divide-se em tópicos para melhor entendimento do tema, de modo que, a princípio abordo sobre o método utilizado para as reflexões, partindo de uma análise da leitura de mundo a partir dos anos iniciais, em seguida abordo como esta leitura pode ser realizada por meio do componente curricular de artes, a posteriori sobre a geografia como uma parceira para leitura de mundo, subsequente o interdisciplinar entre artes e geografia e por fim as considerações finais.

METODOLOGIA

A existência deste trabalho possui caráter bibliográfico que se baseia em escritas já publicadas, sendo assim a viabilidade em leitura para aprofundamento teórico do pesquisador. Em acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica se dá mediante a disposição de documentos oriundos de registros anteriores organizados em livros, artigos, revistas, teses e etc.

O arcabouço de informações contidas em textos diante de um pesquisador é um cenário perfeito para análise crítica e desenvolvimento para o seu objeto de estudo. Boccato (2006), traz que através dos elementos ordenados o investigador procura respostas para o problema (hipótese) na verificação e discussão das produções científicas apreendendo empenho para atualizá-las.

Conforme Macedo (1994), a pesquisa bibliográfica “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”. Assim, organizar sistematicamente os conceitos para que haja contribuições para tornar o conhecimento ainda mais significativo.

LEITURA DE MUNDO A PARTIR DOS ANOS INICIAIS

Diferentemente do que ocorria no período de alfabetização em que o objetivo focava apenas em ensinar um código que o restringia a uma leitura literal na vocalização dos escritos, com o advento das informações que circulam de forma célere, pondera-se a solicitude de capturá-las por uma lente que vislumbre a logicidade e criticidade. Nesse contexto, alfabetizar letrando reúne significações entre a mecânica de deciframento e estratégias para o alcance da compreensão em que a bagagem cultural do leitor produz sentido frente ao texto anunciado. Cagliari (2009), enfatiza que, a leitura no processo de alfabetização não pode ser vista apenas no momento avaliativo ou para mensurar o potencial de decifração das letras.

A reunião entre alfabetizar e letrar considera oportunizar o acesso às multiplicidades de textos para assim contemplar leitores competentes que se envolvam com o texto lido numa perspectiva de pertencimento dos fenômenos sociais e que não assinem o confundir-se por inverdades, mas que “[...] podem raciocinar além do significado literal ou inferencial do texto. Eles podem refletir sobre o conteúdo

e a forma do texto e avaliar criticamente a qualidade e a validade das informações” (PISA, 2018. p. 16).

A literacia é um parâmetro que espelha este ensinar além do código que, para Morais (2013, p. 4), importa o “conjunto das habilidades da leitura e da escrita (identificação das palavras escritas, conhecimento da ortografia das palavras, aplicação aos textos dos processos linguísticos e cognitivos de compreensão)”. Assim, para além de uma habilidade em ler é utilizá-la para diversos fins tanto para aspirações individuais bem como a uma conduta crítica de um sujeito ativo em sociedade.

Ferreiro (2011), sob investigações de acordo com a psicogênese da escrita da criança, infere que a alfabetização para este sujeito é uma via dinâmica pelo viés de construção interpretativo propriamente dela como um ser pensante e investigativo que se revela na busca de significações diante do objeto social que é a escrita. Assim, importa apreciar e explorar a curiosidade pertinente que as crianças possuem como um componente condutor a uma leitura de mundo.

Mas, em qual momento se inicia a exploração deste objeto cultural complexo que é a escrita por meio de um processo alfabetizador sistematizado? Nesse sentido, BRASIL, 2017 afirma:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2017, p. 59)

A ordenação da alfabetização com a utilização de metodologias ocorre nos anos iniciais para a compreensão de diversos textos aplicadas à prática social. Mesmo a criança tendo contato com textos ainda na educação infantil como também antes da convivência escolar, espera-se que ela seja alfabetizada nos dois primeiros anos do ensino fundamental.

Isso exige um olhar mais apurado para que o mundo ao redor das informações seja compreendido e, uma leitura de mundo é indispensável para tal prática. Nesse

particular, Paulo Freire (1991, p.1, informação verbal) aponta que isso é inerente ao indivíduo desde cedo e que antes mesmo de produzirem desenhos e delinearem as letras, as crianças têm uma capacidade de ler a realidade do mundo através do convívio familiar.

Decodificar uma leitura importa dizer colocar sons em letras, ou seja, decifrar o código linguístico, contudo, a leitura de mundo perpassa esta representação no sentido de que o aluno tem a capacidade de elaborar seu próprio modo de pensar refletindo os eventos que o cercam. No entanto, é vital tanto a decodificação quanto o compreender, para que a leitura de fato aconteça.

Contudo, faz-se necessário dizer que a pressa cotidiana, a velocidade de informações geradas e transmitidas para a sociedade, acabam por gerar bloqueios que dificultam a reflexão, sobretudo sentir-se parte do processo onde ocorrem os fenômenos sociais.

Leitura de mundo nesse contexto, traduz-se num exercício que pode gerar ao aluno a oportunidade de experimentar o sentimento de participação na construção social. E a escola nesse contexto, pode oferecer esta leitura, pois segundo Gadotti (2007), ela tem um papel não só de manter como também transformar socialmente por meio da criticidade e criatividade.

Na sucessão de construção do conhecimento a cultura do aluno, o lugar onde convive, as suas condições de vida entre outros apontamentos, necessitam ser levados em consideração. A esse respeito ler o mundo a partir do existencial é interpretar a realidade de forma a integrar o aluno no seio das discussões e paulatinamente o mesmo em uma dimensão.

Os anos iniciais do ensino fundamental que compreende uma das etapas da educação básica têm um foco na alfabetização e letramento dessa forma, trabalhar os diversos componentes curriculares neste momento oferece à criança um olhar que a permite pensar o mundo. O Parecer CNE/CEB nº 11/2010 que dispõe sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental aponta que os inúmeros conteúdos presentes nos componentes curriculares revelam às crianças uma consciência do mundo e que por meio de um olhar cristalizado dispõe uma leitura e escrita de maneira mais significativa.

Ler o mundo criticamente é desejar as inúmeras acepções de um objeto. Conforme Freire (1989), é internar-se nos textos, capturando a relação de dialeticidade do contexto do autor e leitor. Nesse sentido, símbolos e realidade se conectam concebendo uma leitura de mundo lograda pelo senso crítico. Essa perícia emerge no seio familiar, na casa, no bairro, ou seja, esta apropriação de mundo vem antes de decifrar os códigos da linguagem.

LEITURA DE MUNDO POR MEIO DO COMPONENTE CURRICULAR DE ARTES

Numa intensa movimentação produzida pela dialeticidade em que os fenômenos sociais são vistos em constante negação, transformação e permanência, contemplar uma obra de arte por um viés de qual força produtiva empregada para a sua existência, é algo a se pensar. A exemplo, perceber as pirâmides egípcias recorrendo a uma ótica em que para o resultado daqueles monumentos foi nutrido de um domínio humano sobre outros humanos é como sentir o vínculo preciso entre a arte os processos psicológicos em Vigotski (1999), como a percepção, a emoção, a criatividade e a imaginação.

A arte se ocupa de um caráter estético que suscita as mais diversas sensações presentes na subjetividade humana tanto em indivíduos que a produzem quanto naqueles que recebem as expressões idealizadas pela beleza e harmonia. Pela riqueza de predicados que a possui, difícil papel há em defini-la, mas indo ao encontro de Colli (1995), mesmo sem uma definição precisa que a determina, ela possui uma natureza que sensibiliza a percepção diante do que ela representa, afinal, se trata de um fenômeno que causa admiração. Nesse sentido, é interessante salientar que num contexto escolar ela pode contribuir para uma leitura de mundo por meio da sensibilidade por ela transmitida.

No reconhecimento de que a arte não se reduz somente ao uso de técnicas no ambiente escolar, importa afirmar que fazendo uso dela o educando pode fazer uma leitura de mundo sobre os fatos históricos. E que, para além de uma leitura a arte pode propiciar uma formação social ao ser humano. Conforme Vigotski, (1999, p. 315):

A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essências

sejam individuais [...] A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que lhe fora objetivado [...].

A existência social é percebida até mesmo onde há apenas um ser humano com seu emocional. Ao aflorar essas emoções que, por vezes, apoiado de um envolvimento social objetivado, se materializa nos objetos produzidos por entre a arte, com capacidades de instrumentalização para a sociedade.

Mesmo detentora de uma linguagem silenciosa a arte tem um poder arrebatador de possibilitar uma leitura de mundo a causar questionamentos no leitor. Ainda na perspectiva de Vigotski (1999, p.177) as vivências cotidianas funcionam como base para produção de arte assim, o educando pode também ser este produtor que pelo silêncio é capaz de demonstrar sua criatividade e senso crítico.

Essa criação é livre no ser humano desde a mais tenra idade pois, segundo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 85) a criança vivencia a arte no cotidiano e à prova disso, se dá nas impressões que a criança faz nos muros, com o emprego de materiais que ela encontra e que, a partir deles surgem outros formatos inclusive materializações mais diversificadas em que as percepções e sensações são mostradas.

A GEOGRAFIA COMO PARCEIRA NA LEITURA DE MUNDO

O estudo da geografia como uma ciência social, diante de conflitos econômicos, políticos, ideológicos entre outros se insere numa ferramenta ideal para a leitura de mundo. Contudo, de acordo com Lacoste, (1988. p. 56) o ensino da geografia no ambiente escolar na década de 80, consistia em negligenciar a prática e diante disso, é interessante atentar se na atualidade este comportamento não tem se repetido. Dessa forma, uma contextualização do conhecimento precisa acontecer de modo que não haja apenas reproduções que se perpetuem.

Nesse particular entendendo da propriedade que a geografia possui para uma leitura de mundo, uma particularidade exposta nos livros didáticos necessita ser superada na vertente da formalidade que empobrecem as reflexões num contexto tão recheado de contradições. Santos diante disso, (1995, p. 47-48) afirma que a

superação da formalidade rompe com os limites e procura atender para a dinâmica social que ocorre simultaneamente com as contrariedades.

Para Katuta (1997, p. 37), isso só é possível se este educando tiver acesso a diversos conhecimentos básicos e informações como conceitos, habilidades para enfim gerar uma linha de raciocínio diante dos fenômenos.

Callai, (2010, p. 58), a respeito do estudo da geografia deve exercer a função de inserção do aluno no processo estudado. Nessa perspectiva, é fundamental incluir o território do aluno que num formato menor abre caminhos para uma leitura de mundo numa dimensão maior. De início, propor questionamentos que o façam perceber sobre si mesmo, o lugar onde reside e com quem, são pautas que, aparentando simplicidade garantem uma leitura mais ampla de outros eventos. Para tal finalidade exercícios de maneira concretizada auxiliam no entendimento das crianças, e isso levando em consideração os espaços onde estão situadas pois, traduzem melhor uma leitura de mundo através das próprias vivências.

Estar em um lugar não significa entendê-lo e ele não se explica propriamente. Tendo por finalidade um aprendizado de ordem crescente, a começar dos conceitos citados antes, é possível elevar a percepção do aluno, por exemplo, à aspectos municipais. Nesse sentido Callai e Zarth, traz sobre as relações que ocorrem entre os homens, a respectiva organização do âmbito municipal que não acontece de forma isolada, mas atrelada a outros fatores, permitem algumas conexões no aprendizado do aluno bem como sua leitura de mundo se amplia e assim, gradativamente suas experiências colaboram para que aquela leitura ocupe uma outra dimensão.

Conforme as dinâmicas sociais que envolvem relações entre pessoas e grupos sociais o estudo da Geografia tem uma peculiaridade entre muitas de conferir sentidos a estas ocorrências com o ambiente natural onde acontecem. E permitir à criança leitura de mundo fazendo uso de fotos, maquetes entre outras representações no Ensino Fundamental anos iniciais conforme BRASIL (2017), é notável para o desenvolvimento perceptivo da criança.

O INTERDISCIPLINAR ENTRE ARTES E GEOGRAFIA

Tomando por base a curiosidade e criatividade inerente da criança o ato interdisciplinar é muito útil para o processo de aprendizagem. De acordo com Ivani Fazenda (2008) o termo interdisciplinaridade pode significar um nexos que envolve as Áreas do Conhecimento acordando particularidades que orienta para uma aprendizagem eficaz. Esse trabalho permite que o aluno construa seu conhecer a partir de observações mais amplas a respeito do teor disposto. A partir de um tema gerador é possível pensar os condicionantes para uma visão de mundo, pois conversa com outros componentes curriculares.

Callai (2010), a respeito do estudo da geografia ele deve exercer a função de inserção do aluno no processo estudado. Nessa perspectiva, é fundamental incluir o território do aluno que num formato menor abre caminhos para uma leitura de mundo numa dimensão maior. De início, propor questionamentos que o façam perceber sobre si mesmo, o lugar onde residem e com quem, são pautas que, aparentando simplicidade garantem uma leitura mais ampla de outros eventos. Para tal finalidade exercícios de maneira concretizada auxiliam no entendimento das crianças, e isso levando em consideração os espaços onde estão situadas pois, traduzem melhor uma leitura de mundo através das próprias vivências.

Um movimento de aprendizagem entre o poder simbólico, sensível e poético intrínseco da arte e percepção do espaço geográfico unidos ao senso crítico, favorece ao educando um caminho para trabalhar a amplitude de racionalidade e ato imaginativo. Tem-se desse modo a possibilidade de deslocá-lo em direção a novos caminhos. Nesse sentido o poema de Pedro Bandeira “Esse pequeno mundo” pode realçar uma forma de ajuste destas essências.

Outro modo se dá no estudo do índio no Brasil onde é apresentado nos livros didáticos de forma superficial mesmo havendo na cultura indígena uma riqueza de diversidade. Diante disso, há uma urgência de execução da Lei 11. 645 de 10 de março de 2008 que traz a obrigatoriedade de estudo daquela cultura no ensino fundamental e, fazê-lo com conexão às demarcações de terras originárias reconhecidas aos indígenas na Constituição Federal em seu capítulo VIII artigo 231º, permite ao aluno uma leitura do contexto histórico que vai além das questões de demarcações territoriais.

Na busca de garantir as mais diversas interpretações disposta nos anos iniciais em que BRASIL (2017), aponta para o desenvolvimento de noção espacial atentando para as experiências cotidianas do estudante e com tal característica neste exercício de pertencimento o professor pode despertar as mais notáveis inferências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo onde vivemos as mais diversas transformações se mostram de forma muito intensa e de maneiras muito desiguais. Sabe-se a exemplo, avanços tecnológicos enquanto o desemprego, a fome entre outras mazelas que se fixam sem ceder espaço para novas possibilidades.

Esta mesma rapidez que faz parte da entrega das informações mediante as mudanças existentes, triste, mas necessário dizer, que da mesma maneira muitas leituras são feitas. Essa pressa gera superficialidade e, isso na procedência da leitura impede interpretação das diferentes faces da história que, num processo dialético em que ocorrem exigem assim, um olhar mais apurado, para não fragmentar ainda mais o mundo.

Na confissão de que a arte não se reduz apenas ao uso de técnicas para desenhar por exemplo ou pintar, ela serve de meio para ler o mundo, pois detentora de diversificadas linguagens, ela causa admiração comunicando até mesmo sem a fala e magnetizando à sensibilidade em que expressa dimensões não descritas pela lógica. Além disso, por intermédio dela é possível enxergar simbolicamente características espirituais, materiais e emocionais de uma determinada sociedade.

Quanto a geografia seu conteúdo não se restringe apenas a dados, informações, catalogações e mapas, mas ultrapassa estes limites com um argumento capaz de oferecer leitura de mundo humanizada frente a tantas diferenças sociais, políticas e econômicas. No curso da construção de conhecimento, conceitos apresentados sem superficialidade produz no educando uma compreensão mais abrangente que contribuem no propósito de adição do aluno no curso se sinta do ensino e aprendizagem. Ademais, um ensino que se aparte da tecnização em geografia produz uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS:

BANDEIRA, P. Cavalcando o arco iris. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2010

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Presidência da República, [2020]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30 nov. 2022.

BRASIL. Constituição (2008). Pisa 2018 - Matriz de Letramento em Leitura – Versão Preliminar.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=51182#:~:text=A%20L_ei%20n%C2%BA%2011.645%2C%20de,forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20profesores%20\(licenciaturas\)](https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=51182#:~:text=A%20L_ei%20n%C2%BA%2011.645%2C%20de,forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20profesores%20(licenciaturas))>. Acesso em: 30 nov. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_1_10518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 24 jul. 2022.

BRASIL. Parecer nº 11/2010, de 7 de julho de 2010. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=63_24-pceb011-10&Itemid=30192>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>> Acesso em: 01 dez. 2022.

CALLAI, H. C. **A escola e o ensino de geografia: o ser e o vir a ser**. Ijuí: Livraria.: Unijuí Editora, 1988.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2010.

COLI, J. **O que é Arte**. 15a ed., Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P.; CAMPOS, Marcio D.'Oln. **Leitura da palavra... leitura do mundo**. 1991.

GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar/ Moacir Gadotti**. – 1. ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

KATUTA, A. M. **A escola e o ensino de geografia: o ser e o vir a ser**. 7. ed. Sao Jose do Rio Preto: Univcrsitas, 1997.

LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988. p. 283.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MORAIS, J.; LEITE, I.; KOLINSKY, R. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares de aprendizagem. In: MALUF, M. R.; CARDOSO-MARTINS, C. **Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, D. **Conteúdo e caderno pedagógico no ensino da Caderno Prudentino de Geografia**. 17. ed. Presidente Prudente: Prudentino, 1995.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**: São Paulo. Martins Fontes 1999.

